



GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ELUCIDANDO ASPECTOS SOBRE A SURDEZ, A PESSOA SURDA E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Pablo Mateus dos Santos Jacinto¹
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
(pablojacintopsi@gmail.com)

O livro “Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda” foi escrito por Audrei Gesser (2009). A autora é graduada em letras inglês e português pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), mestre em Letras/Inglês e Literatura Correspondente pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutora em Linguística Aplicada, com área de concentração em Educação Bilíngue, pela Universidade Estadual de Campinas – (UNICAMP). Executa pesquisas na área de cultura e identidades sociolinguísticas, dentre campos relacionados a essa temática.

A obra objetiva debater a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e os aspectos culturais da comunidade surda, problematizando preconceitos e debatendo de forma precisa estas temáticas. A princípio, evidencia-se a importância em tratar sobre a surdez, combatendo a invisibilização do tema na sociedade e, curiosamente, nos próprios cursos relacionados à educação, público-alvo do texto em questão. Nesse percurso, é inevitável observar que o debate teórico, convenientemente travado, ocorre paralelamente às discussões políticas que envolvem a Libras. Um exemplo se refere à desconsideração da Libras como língua, postura que ultrapassa o critério da ignorância e se manifesta como um posicionamento social de desvalorização da cultura surda. No decorrer dos capítulos, a autora defende a legitimação dessa língua como tal, reiterando a sua importância para a comunidade surda brasileira.

O livro é organizado em três capítulos: *A língua de sinais*; *O Surdo*; e *A Surdez*. O primeiro capítulo discorre acerca da Libras, abordando questões teóricas e práticas. Durante esse capítulo, busca-se desmistificar preconceitos e trava-se a defesa desta forma de comunicação para a comunidade surda e ouvinte. Nele são discutidos aspectos gramaticais, a exemplo da estrutura linguística, universalidade, natureza ou artificialidade da língua. Esses questionamentos linguísticos, segundo a autora, revelam representações sociais negativas em torno da Libras. Pôr em dúvida

¹ Psicólogo (UNEB), mestre e doutorando em psicologia (UFBA), docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.



seu status de língua expressa não apenas um estudo gramatical, mas revela preconceitos enraizados sobre esse mecanismo de comunicação e toda a comunidade a qual ele se destina. A valorização da Libras como pertencente à comunidade surda lhes concede o status de autonomia que entra em choque com a expectativa social da sociedade capacitistas sobre esse grupo: fraqueza, desorganização, incapacidade e necessidade de cuidado/tutela (ARAUJO; SILVA, 2020).

Dentre os preconceitos atribuídos à Libras apresentados no capítulo, enfatiza-se a associação entre a língua e a ação mímica, atribuindo superficialidade e teatralidade. Isso leva muitos ouvintes a acreditarem que não é possível atingir complexidade e abstração na comunicação em Libras. A autora rebate, demonstrando a possibilidade do uso de figuras de linguagem, poesia e uma diversidade de estilos literários tanto quanto as línguas pautadas na oralidade.

O segundo capítulo foca a pessoa surda e as implicações sociais dessa característica. Busca-se elucidar mitos e preconceitos tomando como critério de resposta a contribuição das próprias pessoas surdas. O primeiro aspecto demarcado é a nomenclatura preferida pela comunidade surda, sugerindo evitar eufemismos como “deficientes auditivos”, dentre outros que reforçam a posição de inferioridade e piedade, marco da sociedade capacitista.

No capítulo, são abordados conceitos de difícil transposição entre a lógica ouvinte e a surda, por exemplo, a definição de “barulho”. Para ouvintes, esse conceito está atrelado ao som, enquanto na perspectiva surda pode ser relacionado à poluição de estímulos comunicativos ao nível do desagrado. Então, um local no qual há muitas pessoas gesticulando pode ser considerado barulhento, ainda que haja completa ausência sonora.

A autora revela o compromisso em estabelecer a pessoa surda como participante de um grupo que possui identidade e não é inferior por não ser naturalmente oralizada. No capítulo são abordadas questões voltadas à aquisição gramatical formal da língua portuguesa para o surdo, expondo dificuldades e possibilidades desse aprendizado.

O terceiro e último capítulo aborda a surdez, pontuando diferentes maneiras de enxergar esta condição e se aprofundando em como o surdo a percebe. A autora explicita sua posição de não conceber a surdez através da lógica médica, que entende essa característica como um problema de saúde. A surdez na obra é concebida como uma questão social. Corrobora a perspectiva de Vygotski (1997), que associava as deficiências a uma sociedade organizada dentro de uma lógica da mesmice e da “normalidade”, que exclui a possibilidade características humanas tidas como atípicas. Assim, numa hipotética sociedade cujas pessoas fossem cegas, todos os aparatos cotidianos seriam pensados de modo que não se necessitasse dos estímulos visuais para o seu uso. O mesmo ocorre na sociedade real, que por muito tempo ignorou propositalmente a existência de pessoas com



características fora do padrão e se firmou dentro de um perfil de normalidade tornando-se excludente para quem não se encaixa.

Percebe-se, com a leitura do livro, que a própria conceituação de “deficiência” deveria ser alterada, pois quando tratada de forma individualizada, pautada pelo discurso médico, há consequências negativas. A palavra “deficiente” ganha uma representação social negativa e se assemelha à condição de doente, de moribundo, gerando uma lógica capacitista que orienta erroneamente a sociedade. A compreensão da deficiência, seja ela em qual configuração se manifeste, deve levar em consideração a pessoa e a sociedade, sendo as limitações originárias da falta de adequação desta última. A surdez, portanto, não existe por si só. Ela é uma condição que esbarra em barreiras tal qual o cenário social não se encontra preparado para incluir a pessoa surda nos espaços coletivos.

A obra extrapola o objetivo acadêmico de transmitir a informação para fins de graduação formal, ao explorar o preconceito contra a comunidade surda, suas raízes e forma de combate. A desinformação sobre a surdez é entendida como um dos pilares da discriminação e, a partir da explicação sobre seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais, tende-se a reduzir o preconceito associado à ignorância.

O livro, portanto, é indicado a acadêmicos das diversas áreas do saber, não se limitando às ciências humanas e licenciaturas. Ademais, apresenta linguagem acessível o torna pertinente para estudantes em diversas faixas de ensino e para a comunidade escolarizada como um todo. A princípio, a autora orienta que as contribuições podem parecer repetitivas, porém se demonstram essenciais, havendo necessidade de constante reverberação, já que, apesar dos avanços, a surdez e as pessoas surdas ainda são desconhecidas, embora estejam presentes e contribuam com a sociedade.

Referências

ARAUJO, A. A.; SILVA, J. P. Surdez e Preconceito: uma Análise a partir da Percepção dos Pais de Surdos. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, vol. 13, n. 2, agosto, 2020.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas V: Fundamentos de defectología**. Madrid: Visor, 1997.



Recebido em: 24/04/2022
Aprovado em: 07/11/2023